

Iniciativas Empresariais de Ajuda ao Desenvolvimento

Correio da AESE

Têm prestígio, ou dinheiro, ou mentalidade empresarial, ou tudo isso. Em geral, não ocupam nas grelhas informativas muito espaço, até menos que os problemas que tentam minimizar. São cientistas, empresários, designers informáticos, milionários filantropos, que puseram mãos à obra para cooperar com os menos desenvolvidos a partir de uma perspectiva que conjugue realismo financeiro e solidariedade.

Ao analisar o que considera os três grandes mal-estares da modernidade na sua obra *A Ética da Autenticidade*, o filósofo canadense Charles Taylor fala da «primazia da razão instrumental». Esta supõe uma lógica em que o valor das coisas se mede pela relação custo-benefício e em que o progresso técnico é louvado como um ídolo, um Moloch que devora recursos naturais e seres humanos. Degradação ambiental, investigação com embriões humanos, abandono dos «menos úteis» ao sistema... são algumas das consequências.

Taylor afirma que esta primazia típica da modernidade não tem uma origem puramente utilitarista, mas também moral: melhorar as condições de vida. Bacon, no início do século XVIII, acusa as ciências aristotélicas tradicionais de não terem contribuído em nada «para aliviar a condição da humanidade». «Somos herdeiros de Bacon», escreve Taylor, «por exemplo, quando organizamos grandes campanhas internacionais contra a fome ou de socorro às vítimas de inundações.»

Vêm dar razão a esta perspectiva um número crescente de pessoas que, em diversas partes do mundo, se empenham em dar o seu contributo, por pequeno que seja, para o desenvolvimento dos países menos favorecidos, através do melhor que sabem fazer no seu campo respectivo. Criar computadores baratos que ajudem a educar as crianças, inventar

mecanismos simples e rendíveis que solucionem neessidades básicas, montar empresas que se dediquem a comercializar material acessível para os bolsos dos subdesenvolvidos... Abundam - embora sejam sempre poucas - as iniciativas destes «herdeiros de Bacon» que sabem colocar o progresso técnico ao serviço do desenvolvimento material e moral.

Ao alcance da tecla

Uma das iniciativas que mais repercussão mediática está a ter é a do projecto *OLPC* (siglas de «Um Portátil por Criança», em inglês), promovida por Nicholas Negroponte, fundador do *MIT Media Laboratory*. O objectivo do *OLPC* é conseguir a produção barata de computadores portáteis - *XO*, como são designados - especialmente preparados para crianças de países em desenvolvimento. Resistentes ao pó, aos golpes e ao calor, com monitores aptos para apanhar muito sol, os *XO* são desenhados para consumir pouco e contam com acesso à Internet. Negroponte considera que estes computadores são um instrumento que irá melhorar a educação dessas crianças.

Para embaratecer os custos de produção dos *XO*, utiliza-se *software* baseado no *Linux* - e, portanto, gratuito -, foram assinados acordos com algumas empresas tecnológicas e os seus criadores procuram vendas por grosso. Os potenciais compradores são os países em desenvolvimento. O objectivo é conseguir que venham a ser vendidos a 100 dólares. Na América do Norte, desenvolveu-se uma campanha denominada *Get One, Give One*, em que o utente, comprando dois *XO* por 400 dólares, destinava um deles para algum desses países necessitados.